

No primeiro dia eu não concordei com as coisas, disse que aquilo não era pra mim e fui embora. Então começaram a inventar um monte de mentiras, disseram que, se eu denunciasse algo, inventariam um monte de barbaridades a meu respeito, que eu agredia pessoas, que eu estava drogado. Eu tive que fazer exame de sangue para provar que eu não usava drogas, porque eles começaram a espalhar isso.

Eles foram ao jornal da cidade. O jornal me ligou dizendo que eles estavam lá tentando publicar uma matéria dizendo que eu era usuário de cocaína. Então eu tive que fazer um exame para mostrar que eu não usava drogas. Eles estavam tentando implantar isso, que eu era usuário de drogas, que estava alucinado e inventando tudo. Chegou a esse ponto.

Quando vi que estava nessa situação, pensei: “Acabou para mim. Isso não é um lugar para eu voltar, não é aqui que eu quero viver”. Depois que eu denunciei, continuaram as ameaças de morte. Por um tempo eles ainda continuaram me ameaçando, ligaram para a minha casa e para o meu celular me ameaçando. Só quando a coisa foi para a mídia em uma escala mais alta, mais nacional, é que eles viram que não era brincadeira e tentaram maneirar um pouco. Eles se reuniram nas redes sociais e ficaram me atacando em tudo que é lugar.”

(...)

“O SR. NATANAEL BOLDO - Luiz, você disse que foram identificadas pessoas que têm atuação na cidade ou na região, que fazem residência ou que já são médicos na cidade. É isso?”

O SR. LUIZ FERNANDO ALVES - Sim. Mas não por parte minha, por parte de outros alunos, a investigação paralela à minha. Teve a minha investigação, do que eu falei, e teve a investigação dos outros 80 alunos da sala. Nessa investigação individual de cada um dos 80 alunos foi identificado o nome de várias outras pessoas e feito uma apuração interna, tanto pela faculdade quanto pela Polícia, sobre se esses alunos que tiveram os nomes citados estariam realmente envolvidos com trote. E foi comprovado que eles estavam envolvidos com diversas práticas.

O SR. NATANAEL BOLDO - E além da denúncia no âmbito da Polícia foi feita alguma denúncia junto ao Conselho Regional de Medicina?

O SR. LUIZ FERNANDO ALVES - Não. Não foi feita nenhuma denúncia. Por parte minha não. Eu fiz denúncia à Polícia e fiz denúncia ao Ministério Público. E não só eu. Tem várias denúncias no Ministério Público também.”

**1.4- Informações prestadas por Rodolfo Furlan Damiano, aluno da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, campus Sorocaba/SP, em 14.1.2015 (declarações na íntegra constantes no Anexo I) – Relatos de tortura(ATENÇÃO: ESTAS DECLARAÇÕES SÃO AS MAIS CHOCANTES, AS MAIS IMPACTANTES)**

“O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO - PT - Rodolfo. É Rodolfo Furlan Damiano, estudante da PUC. Rodolfo, eu queria que você se identificasse, contasse um pouco da sua história pessoal, da sua história familiar, antes de você entrar na PUC Sorocaba, onde você estudou, se você é natural de Sorocaba mesmo, se você fez escola pública, onde você está e o que você está fazendo aí hoje. Aí, a gente entra nas perguntas, está bom?”

O SR. RODOLFO FURLAN DAMIANO - Obrigado. A partir do momento em que eu entrei na faculdade, como eu disse, eu comecei a encarar alguma realidade, alguns problemas, com os quais eu não estava familiarizado e que eu não esperava encontrar.

Porque todo mundo quando entra numa faculdade de medicina ou em qualquer outra faculdade espera encontrar um ambiente, assim, além de um ambiente gostoso de conviver, um ambiente profícuo para você desenvolver sua capacidade máxima, mental e social, também, com seus amigos. Todo mundo espera isso. E quando eu entrei na faculdade, a realidade era totalmente diferente, a recepção era totalmente diferente e a realidade que eu vi era uma realidade muito, assim, vamos dizer, cruel com as pessoas que entravam. Por exemplo, lá na faculdade de medicina onde eu estudo, o trote tem uma duração de três meses, com término no dia da libertação dos escravos. Simbólico, não é?

Com uma duração de três meses e que os meninos têm que raspar o cabelo zero, não pode deixar crescer cabelo nenhum. Não pode usar aliança, colar. Tem que usar uma mesma camiseta extra “g”, muito grande, todo mundo igual, homem e mulher, a mesma camiseta. É um kit que você não é obrigado a comprar, mas no final todos compram. É um kit que a Atlética vende, que custa duzentos e poucos reais, eu não sei quanto está custando hoje em dia, a informação precisa. Mas é um preço muito abusivo. Tem gente que não tem muita condição de comprar, mas mesmo assim compra para se inserir no grupo, para se inserir naquela situação. Usar essa camiseta “gg”, calça jeans, tênis fechado. Ninguém vai para a faculdade de sandália, ninguém pode ir. Menina não pode usar sandália, não pode usar brinco, não pode usar colar; se estiver de maquiagem, eles mandam ir para o banheiro para lavar o rosto para tirar a maquiagem, que não pode usar maquiagem nos corredores da universidade. Não podia usar o elevador de dentro da universidade. Era uma coisa proibida. Chegou até ao cúmulo de ter um menino cuja perna estava engessada e mesmo assim subindo a escada da universidade porque não podia subir de elevador, porque ele era primeiranista. Tem que pedir autorização para os veteranos da universidade para subir de elevador. Que isso eu achei uma coisa, no mínimo, subversiva de valores, dentro da universidade, principalmente de medicina, que era para ter uma valorização da saúde. Justamente, o que eu via lá era totalmente o contrário. O Centro Acadêmico tem um prédio dentro do campus da universidade, que é lá o refeitório dos alunos e os alunos do primeiro ano não podiam entrar lá para comer.

Então, tudo isso que eu vi, eu vi uma realidade que eu não esperava encontrar quando eu entrasse numa faculdade de medicina. Isso que eu estou dizendo chega a ser até talvez menor do que a grandiosidade de um estupro, das outras denúncias que estão ocorrendo aqui neste plenário. Mas era uma coisa que me assustou e me chocou bastante. O que me chocou mais é que todos, todo ano, todos - com exceção de um ou dois, que eram casados, e já tinham filhos e não queriam participar -, mas todos participavam disso que eu chamei depois de trote mínimo. Que esse é o trote mínimo dentro da faculdade, que eu chamei, né? Esse é um que 99 por cento participa.

Porque, vamos dizer assim, eu participei desse trote mínimo, que é o dia a dia da universidade. Que, para não ser agredido - porque é agredido verbalmente, é agredido moralmente, quem não deseja participar. Então é uma coisa que você acaba se subvertendo e participando.

Então, fiquei esses três meses com o cabelo raspado, com a camiseta extra “g”, com tudo isso. Bom, foram três meses assim: eu diria para vocês que eu perdi um ano da minha faculdade em que eu poderia contribuir intelectualmente, poderia contribuir na construção da universidade com um pouco do que eu trouxe de bagagem. Eu tinha 18 anos, era jovem, mas eu tinha um pouquinho de bagagem. Queria contribuir e aprender muito. Mas me afastava dos órgãos representativos da universidade, me afastava das ligas acadêmicas, dos encontros científicos, basicamente, porque eu não me sentia confortável. Vamos dizer que eu perdi, assim, um ano da universidade. Foi um ano que, para mim, acabou sendo perdido.

Chegou no final do ano, eu vi que alguma coisa eu tinha que fazer. Que eu tinha que mudar, que transformar, alguma coisa; que daquele jeito não dava para fazer, não dava para ficar e que não é possível que as pessoas não conseguissem enxergar isso. Aí eu andei pesquisando algumas coisas e tal e decidi por tentar criar um grupo que chamava Grupo de Apoio ao Calouro, GAC, dentro da universidade, que era um grupo para receber aquele primeiranista. A gente recebendo ele e ele sente-se acolhido, fosse uma outra vertente, além do trote, para que ele não se subvertesse àquele poder, àquela realidade que o trote impunha. Isso foi no final do ano retrasado. Eu estava no final do segundo ano quando a gente decidiu pela criação desse grupo. Eu fui à universidade. Eu fui responsável pela recepção dos calouros, primeiranistas, do ano passado. É do ano retrasado, já. Eu estou perdendo as datas, já. Agora é 2015, né? Está certo. Eu estou falando agora de 2012... 2015, 2014, terceiro ano... 2013! No final de 2013, eu fui responsável pela recepção dos primeiranistas. A faculdade me deu liberdade para ser responsável. Chamava “trote solidário”. Eu tirei esse nome basicamente porque, para mim, o trote, ele já está implícito a relação de poder. Então, vamos dizer: “Calouro, vai lá doar sangue, que é bom. Calouro, vai ajudar aquelas pessoas, que é bom.” Mas, no fundo, a própria pessoa que está mandando não faz. Então, quer dizer, se é bom, todo mundo deveria fazer. Se é bom, todo mundo tem que participar junto disso. Então foi isso que a gente mudou. Mudou o nome para começar a mudar o conceito. E nessa